

**ENTREVISTA****ENTREVISTA REVISTA ENFIL RAPHAEL/SEPE<sup>1</sup>**Reginaldo Scheuermann Costa<sup>2</sup>**1. Pequena biografia**

Me chamo Raphael, tenho 35 anos e nasci e fui criado no subúrbio carioca. Me formei em 2008 no curso de História da UFF e hoje sou professor da rede Estadual do Rio e na rede municipal de Magé. Atuo no SEPE-RJ, onde estou finalizando o meu segundo mandato na direção e também milito no PSOL Carioca.

**2. Raphael nos conte um pouco da sua história. Como foi a sua escolha pelo ofício de professor e sobre o início da sua militância no movimento sindical dos trabalhadores da educação no Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação do Rio de Janeiro (SEPE).**

Sou filho de uma professora de geografia e sem dúvida a minha escolha pelo magistério começa por aí, a influência natural e involuntária da minha mãe. No fundo ela não queria que eu fosse professor devido aos percalços da carreira e os baixos salários. Apesar dos seus concelhos acabou sendo inevitável seguir o mesmo caminho que ela. A escolha pela cadeira de história foi por causa de uma outra mulher, a minha primeira professora de história a Mariana Roma que me deu aula no ensino fundamental.

Foi no antigo segundo grau que tive contato com a militância, ainda sem entender muito acabei participando dos atos pelo Passe Livre dos anos 2000. Mas foi na universidade que me encantei pela militância e pela possibilidade de construir um novo mundo sem dor e exploração, mas só me engajei de fato com as jornadas de junho de 2013. Até aquele ano eu participava de greves estudantis e de algumas eleições de forma sazonal. Nas jornadas de junho, aquele sonho de mudar o mundo estava vivo nas ruas e eu como diversos jovens lotamos as ruas com a esperança da mudança.

Nesse ano de 2013 eu tinha apenas um ano de magistério estadual e não tinha participado de nenhum espaço sindical. Mas provocado pelas jornadas resolvi me engajar de vez e procurei o SEPE e o PSOL, me filiando nos dois. E em uma crescente comecei a participar das assembleias, campanhas, eleições e me

<sup>1</sup> Artigo recebido em 30/11/2020. Aprovado em 10/12/2020. Publicado em 22/12/2020.

<sup>2</sup> Professor Adjunto da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Pesquisador no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Filosofia, Política e Educação (NuFiPE/UFF). E-mail: vermelhocosta@yahoo.com.br

organizei em coletivos, mas foi na greve de 2013 da Rede Estadual e Municipal que me ganhou para a militância no SEPE. A partir desse momento me tornei um militante.

**3. Muitos autores apontam que, principalmente a partir dos anos 1990, os sindicatos sofreram (e ainda sofrem!) uma crise de legitimidade em relação às suas bases, mas também perante a sociedade como um todo. Como você entende este processo de enfraquecimento do movimento sindical no Brasil e no mundo, principalmente tendo como contraponto os chamados “novos movimentos sociais”?**

Sem dúvida os anos 90 foram muito duros para os movimentos dos trabalhadores e a relação deles com os sindicatos foi abalada. Diversos fatores se somaram para que ocorresse esse afastamento. Partindo da perda da referência da URSS, que apesar das críticas pela falta de democracia dos trabalhadores era um referencial de alternativa ao capitalismo. A derrota do projeto soviético permitiu o avanço das medidas neoliberais que aprofundaram reformas e privatizações precarizando bastante a vida dos trabalhadores. Outro fruto do Neoliberalismo é o fortalecimento de uma característica do capitalismo atual, o individualismo.

Mas sem dúvida o que mais contribuiu para esse afastamento foi a traição dos governos de centro esquerda que chegaram ao poder na Europa e posteriormente na América Latina. Em grande medida esses governos colaboraram para o avanço ou foram eles que implementaram boa parte das medidas neoliberais em seus países. E, quando dirigiam o movimento sindical em seus países eles agiram para que eles fossem sustentadores de seus governos a partir do apoio destas medidas e principalmente das desmobilizações de greves e outras formas de resistências dos trabalhadores, o PT no Brasil é um bom exemplo disto.

Apesar dessa desidratação dos movimentos sindicais, eles ainda têm um papel muito importante na luta de classes e na defesa dos direitos dos trabalhadores. Mas de fato, os chamados “Novos Movimentos Sociais” ocuparam um espaço importante para pautas não abrangidas pelo sindicalismo tradicional e apesar deles serem policlassistas e viverem uma quase eterna disputa interna entre o classismo e o identitarismo, eles têm tido um papel significativo em diversas lutas, em destaque o movimento de mulheres que iniciou lutas importantes contra Cunha, Temer e Bolsonaro no último período.

**4. Junho de 2013 foi um marco histórico no Brasil sobre os rumos da política nacional. Muitos sindicatos foram hostilizados, assim como partidos políticos. Em muitos casos eram agitadores ligados aos governos e setores ultraconservadores, mas houve um apoio popular perante esta postura, em muitos casos, até violenta. Qual a sua opinião sobre Junho de 2013 e o papel dos sindicatos naquele acontecimento?**

Junho de 2013 foi um marco para a história do Brasil recente, e passou quase que totalmente por fora das estruturas sindicais que até aquele momento possuíam quase que o monopólio das organizações dos grandes atos no nosso país.

Mas para além do espontaneísmo e falta de centralismo na organização dos atos, que de fato dificultava a participação das entidades sindicais. O que afastava as jornadas de junho dos sindicatos foi o papel das suas direções nos seguidos

governos petistas, que como citei na pergunta anterior, criou um descontentamento e uma descrença no papel deste tipo de instituição que em bom número de categoria faziam um papel de sustentação do governo petista.

E de fato a grande maioria dos sindicatos e das centrais reforçou essa visão predominante nas manifestações que gritavam palavras de ordem contra as instituições tradicionais da classe trabalhadora. Esses sindicatos e centrais se colocaram contrário aos atos de início e posteriormente quando os atos se massificaram se posicionaram contra as ações diretas caracterizadas de vandalismo.

Esse posicionamento foi um erro muito grande que contribuiu para os movimentos organizados da esquerda a perderem a disputas pelos rumos das jornadas de junho de 2013. Reforçando a leitura dos ativistas de que as instituições tradicionais como sindicatos e partidos eram seus adversários políticos. Por fim, levando o movimento a ser pautado pela grande mídia e grupos de direitas.

**5. O PT foi um partido que nasceu tendo como uma de suas bases fundamentais o movimento sindical. Qual a sua análise sobre os governos petistas e sua relação com o movimento sindical?**

O petismo tem grandes méritos na construção do novo sindicalismo brasileiro e ainda hoje dirigem a maior parte dos sindicatos e a principal central sindical do país. Não é qualquer coisa o peso sindical que o petismo ainda possui e é por isso que são tão cobrados nas construções e mobilizações nacionais.

Mas como relatei aqui, essa máquina sindical foi usado como um apoio dos governos petistas que a utilizaram como instrumento, seja de desmobilização das diversas lutas sindicais que acabaram resultando em um afastamento das bases com os seus sindicatos, e também a usaram como um instrumento de barganha para a burguesia. Eles controlavam os movimentos sociais garantindo o apoio de determinados setores da burguesia para a tal governabilidade fluir.

A custa da estabilidade dos governos petistas o movimento sindical atual perdeu legitimidade frente boa parte das suas bases sindicais. Essa “captura” não foi uma invenção petista, é um movimento mundial praticado pelos antigos PS da Europa e outros partidos de centro esquerda.

**6. Muitos autores e militantes trabalham com o conceito de onda conservadora, principalmente a partir da crise de 2007-2008, atestando um processo de recrudescimento da ultradireita no mundo, em muitos casos com proximidade a concepções fascistas. Qual a sua opinião sobre este processo.**

As crises do capitalismo em determinados momentos abrem espaços para extremos, e para o nosso azar a extrema direita tem ganhado cada vez mais espaços pelos recantos do mundo. Esse último processo se iniciou na crise econômica de 2008, mas ganhou força com a eleição do Trump. Essa eleição alias, serviu de modelo para a extrema direita em outros países, através das movimentações do Steve Bannon.

Benton foi um dos estrategistas por trás da campanha do Trump nos Estados Unidos, nessa eleição ele foi um dos principais desenvolvedores do modo operante que elegeu o candidato Republicano. Esse modo operante une a utilização em

massa das Fakes News e das argumentações absurdas como terraplanismo, escola sem partido e todo o laque de polêmicas que permitem que o candidato da extrema direita esteja sempre nos holofotes e inflando as suas bases populares. E sim, essa onda conservadora organizada por Bannon trabalha muito com o populismo, aqui no Brasil o Bolsonarismo reproduz bem este modo de agir.

Sem dúvida se hoje há algum tipo de unidade entre a extrema direita no mundo em suas práticas das Fake News e etc, é culpa da movimentação iniciada por Benton. Ele chegou a dizer em repetidas entrevistas o seu desejo de criar uma “internacional” da extrema direita, por mais contraditório que isso seja. Sobre toda essa movimentação recomendo a leitura do livro “Os engenheiros do caos” do italiano Giuliano Empoli, é uma leitura bem rápida sobre o assunto. Bem, exemplifico esse tema com a figura nefasta de Steven Benton para alertar como esse fenômeno mundial do fortalecimento da extrema direita é um movimento bem organizado que devemos o tempo todo denunciar e mostrar seus métodos sem escrúpulos e seus hábitos fascistas.

**7. No seio da esquerda fala-se sobre a urgência de realizar um processo de reorganização e unidade nacional, diante do avanço do conservadorismo, em que pese o fortalecimento das mobilizações e a construção de alternativas políticas. O Golpe de 2016 e a eleição de Bolsonaro aprofundaram esta preocupação na sua opinião? Quais são as perspectivas atualmente a respeito desta recomposição?**

Sem dúvida! Os últimos anos tivemos no Brasil uma série de derrotas importantes que nos impôs a necessidade da unidade na ação contra Bolsonaro e suas Reformas e até de uma frente de esquerda nas eleições. E toda essa conjuntura acaba sendo fomentadora de um processo de reorganização da esquerda.

No ponto de vista que faço parte, o da esquerda socialista, essas são tarefas prioritárias! Não há como derrotar o bolsonarismo sem uma unidade de ação entre as esquerdas e todas as forças progressistas, até as burguesas. Pois entendemos que esse governo é portador das ideias fascistas que ameaça a classe trabalhadora com retrocessos gravíssimos., sejam partidos, coletivos e movimentos sociais.

Contudo essa unidade vem sendo minada dentro da própria esquerda, principalmente por causa do hegemonismo petista que vem colocando um projeto eleitoral de 2022 na frente da luta contra o bolsonarismo hoje. Isso vem se refletindo na dificuldade de construções unificadas de atos contra o bolsonarismo e principalmente na construção de frentes de esquerdas eleitorais. É uma vergonha ver PT e até o PDT saindo aliado com o PSL e não com outros partidos de esquerda, mesmo que sejam menores.

**8. E as centrais sindicais?**

Sindicalmente o cenário é bem mais árido no que tange uma reorganização, hoje há poucos espaços de discussões que pensem em uma unificação das centrais de esquerda ou qualquer tipo de reorganização, conheço somente um Fórum impulsionado pelo ANDES que ainda é bem minoritário. A grande parte das centrais é cartorial ou esta dirigida pelo petismo que impõe o seu “ritmo” de mobilização para não prejudicar o seu projeto eleitoral.

Acredito que é fundamental incentivar as iniciativas que debatam a possibilidade da reorganização sindical, a partir destes debates é que iremos tirar ações que poderão trazer as bases sindicais que hoje estão afastadas de seus sindicatos, sejam o cartoriais ou os cutistas. Temos uma estrada ainda bem longa até chegar em uma central forte e que represente de fato a democracia operária.

**9. Distintas gerações de militantes constroem o SEPE. Aqueles que participaram das lutas dos anos 1980 e 1990 e os mais jovens que entraram na categoria e na militância no contexto dos anos 2000. Na sua opinião existem que tipo de diferenças geracionais nas formas de ação política, concepção teórica e intervenção sindical?**

Existe diferenças de todos os tipos. Observando com mais atenção encontraremos um dos jovens militantes com praticas mais tradicionais e antigos mais renovados do que os recém concursados. Prefiro separar por matrizes políticas e não por idades.

Temos na vanguarda do SEPE do PDT aos anarquistas, socialistas, reformistas e anarquistas. E cada grupo desse tem práticas diferentes e visões sindicais e da conjuntura distintas. E apesar desta salada o SEPE vem se mantendo vivo, democrático e na vanguarda das lutas estaduais e nacionais.

**10. O SEPE é tido, entre o meio da esquerda, como um dos sindicatos mais importantes do Brasil em termos de capacidade política e capilaridade em relação a sua base social. Como você avalia o papel deste sindicato na luta contra os governos ultraconservadores de Crivella, Witzel e Bolsonaro?**

Me orgulho muito de participar das fileiras do SEPE, sem dúvida esse é um dos sindicatos mais importantes do país. São poucos da educação que conseguiram unificar todas as redes e categorias que atuam dentro da escola, como o SEPE diz somos todos educadores. Essa unidade dá uma força e capilaridade incríveis dentro do Estado do Rio, tornando o SEPE um dos principais agentes na defesa dos direitos da Educação e também na luta contra o conservadorismo, principalmente nos governos fluminense de Crivella e Witzel que estão diretamente ligados as redes que o SEPE atua.

**11. O contexto do avanço conservador trouxe uma militância anti-professor, principalmente expressa no Movimento Escola Sem Partido (MESP). Recentemente, o seu principal líder, Miguel Nagibe, assumiu o fim do movimento, justamente quando o governo Bolsonaro, eleito sobre as mesmas pautas deste movimento, chega ao poder. Como foi a luta do SEPE sobre este tema? Como entende este suposto fim do MESP?**

O período mais atuante do MESP foi muito tenso, pois a sensação que estávamos sendo vigiados era muito cruel. Aqui no Estado do Rio aconteceram poucos casos na rede pública de ensino, a maioria das perseguições aconteceram nas escolas privadas, inclusive algumas pessoas chegaram a ser demitidas. Algumas demissões ocorreram somente pela pressão de pais, em alguns casos não houve nenhuma pressão ou perseguição explicita, somente alguns telefonemas para o dono da escola.

O SEPE se colocou na linha de frente na defesa dos profissionais que foram atacados por esse Movimento, essa foi a primeira ação que o sindicato teve,

defender os seus. Isso ocorreu através de ações na justiça, de campanhas e de material de apoio como cartilhas. Apesar de poucos, alguns casos foram simbólicos. O primeiro foi um professor de Campos dos Goytacazes que utilizou uma charge do Bolsonaro em uma atividade e foi afastado da sala de aula e teve aberto o processo de exoneração e o outro episódio foi com um diretor de uma escola estadual de Belfor Roxo que tinha uma tatuagem da folha da maconha e foi perseguido diretamente pelo Flávio Bolsonaro, ele chegou a ter o salário cortado e o pior estava na lista de pesquisa do computador do assassino da Marielle. Em ambos os casos fomos vitoriosos e os dois recuperaram o emprego público.

Apesar das derrotas que o MESP teve na justiça e do encerramento oficial do movimento, é fato que eles conseguiram o que queriam, atacar os educadores e criar uma ideia de que a escola e os professores são inimigos dos pais e dos alunos. Levará anos para tirar do imaginário das famílias que a escola é uma fábrica de militante e não uma fábrica de pensar.

E esse “fim” do movimento não é uma derrota, Bolsonaro se elegeu, e Movimento Escola Sem Partido contribuiu para essa vitória de certo modo. E a ideia defendida pelo MESP está inserido no Ministério da Educação. Então não houve derrota, houve um “sugamento” dos organizadores para a superestrutura do governo. Mas de fato as perseguições acabaram por enquanto.

**12. A pandemia aprofundou os elementos da crise do capital a nível internacional, impondo a esquerda atualizar suas táticas em relação a sua agenda de reivindicações. Uma grande polêmica é em relação ao ensino remoto durante a quarentena e o retorno das aulas. Qual a sua opinião e quais as posições do SEPE para estes dilemas?**

Este é um do temas “quentes” da educação na pandemia e há muitas questões sobre ele. Primeiro uma educação à distância com um porquê pedagógico é válido e é utilizado em determinadas situações, como em comunidades isoladas e determinados cursos de graduação. Contudo, o que está sendo implementado agora pela educação básica está longe de se encaixar nesse preparo pedagógico.

Na maioria das redes na pandemia, senão em todas, as diversas formas de ensino remoto estão sendo implementados a toque de caixa com o intuito de dar uma resposta rápida a pressão da mídia ou de atender aos interesses das gigantes dos setores de tecnologias que estão prontas para entrar no setor educacional. Outro ponto é que poucas iniciativas foram implementados pelas secretarias de educação para garantir o acesso dos alunos nessas plataformas. Na prática na rede privada há aulas online para todos os alunos e na rede públicas há professores tirando dúvidas de dois ou três alunos.

Há bastante gente pesquisando as possíveis consequências da implementação em massa destas plataformas, e todos apontam para uma precarização da profissão docente. Isso ocorreria primeiro através da chamada uberização do professor seja através das demissões já que um ou dois professores online podem atender um número infinito de alunos online, seja pela limitação da autonomia pedagógica do educador. Este ponto é muito importante, mais que economizar com a diminuição

das vagas dos magistérios, a grande intenção apontada pelos pesquisadores é a transformação do professor em um reprodutor do conteúdo.

Essa transformação do educador em um tutor atenderia uma demanda antiga do capital, a eliminação de quaisquer ruídos que a uma das maiores e mais atuantes classes organizadas no mundo, que aqui no Brasil sempre protagoniza lutas contra o Estado, mas também acabaria com a Escola enquanto espaço de formação de criticidade, ela seria uma formadora de consumidores e empreendedores somente. Não há como aceitar a entrada dessas plataformas pacificamente.

O SEPE enfrenta uma situação muito delicada, a adesão de suas bases às plataformas ou aos outros tipos de redes como facebook e grupos de whatsapp (sim há redes que tem utilizado essas redes sociais). Os educadores das redes municipais e do Estado do Rio, principalmente esta última já enfrentam uma pressão salarial muito grande, só na rede estadual caminhamos para o sete anos sem qualquer reajuste. Por isso há um grande temor em sofrer descontos ou perder GLP, dobras ou horas extras. Frente essa adesão, nos fóruns do SEPE a categoria tirou a Greve pela vida no caso de retorno presencial e defendeu a não obrigatoriedade do uso das plataformas, deixando a entrada crítica delas pelo profissional que quisesse manter algum contato com seus alunos.

**13. A greve dos trabalhadores de aplicativos mostrou uma força de um setor que sofre intensamente com a precarização do trabalho, a chamada uberização. Como esta tendência de organização do trabalho está chegando à educação? Quais são as lutas que vocês estão encampando?**

Como abordado na pergunta anterior, essa questão já chegou, principalmente na rede privada onde ela já causou algumas demissões. Na rede pública ela também entrará, e mesmo que ela tenha mais dificuldade para ser implementada haverá resistência contra o ensino híbrido e as plataformas de EAD que estão sendo utilizadas durante a pandemia.

É importante ressaltar que não há uma rejeição a tecnologia, pelo contrário, a escola tem que ter tecnologia de ponta para conseguir dialogar com o mundo e os alunos do seu tempo. Mas todo o uso das novas ferramentas tem que ter um porquê pedagógico e não um querer econômico.

**14. Como é a relação do SEPE com este setor de trabalhadores que atuam neste regime uberizado? Há alguma ação em comum?**

Durante as manifestações e greve dos entregadores o SEPE expressou sua solidariedade e apoio. Foi um dos movimentos mais empolgantes desse último período e esse exemplo tem que ser reverberado pelo sindicato. No que toca os uberizados da educação o SEPE e os demais sindicatos, principalmente os da rede privada estão iniciando a luta contra esse novo ataque.

**15. Para concluir nos diga: diante deste ano tão difícil, quais são as perspectivas para 2021?**

Temo que seja um ano de mais endurecimento das condições de vida de todos nós. E não acredito que quanto pior melhor para a luta de classe, no pior há fome e não revolução. Por isso torço que minhas análises estejam equivocadas e que haja

algum tipo de recuperação dos empregos e da conseqüente melhora de vida dos trabalhadores.

Mas o que me parece é que o governo Bolsonaro enfrentara um fechamento internacional vindo da Europa com o fracasso do acordo com a União Européia, vindo da China que se tornou a “inimiga” que mais faz comércio com o Brasil e por fim dos Estados Unidos governados pelo Joe Biden do partido Democrata que com certeza não apoiará a política negacionista e destruidora do atual governo brasileiro.

Se isso acontecer teremos um ano muito difícil, com piora economia. E perante essa crise teremos a tarefa de ocupar as ruas e disputar a parcela da classe trabalhadora que hoje aprova o governo Bolsonaro. O caminho será, como sempre as ruas!